



2021

Discursos do Presidente da Liga dos Combatentes

ÍNDICE

(Clique na data para o discurso pretendido)

[09.04.2021](#) – Mensagem Dia Nacional do Combatente

[09.04.2021](#) – Dia Nacional do Combatente

[29.05.2021](#) – Dia das Operações de Paz e Humanitárias

[21.09.2021](#) – Dia Internacional da Paz

[05.10.2021](#) – Dia da Implementação da República

[11.11.2021](#) – Mensagem no Dia do Armistício

[11.11.2021](#) – Dia do Armistício da Grande Guerra

[20.12.2021](#) – Mensagem de Natal

MENSAGEM DO PRESIDENTE PARA TODOS OS MEMBROS DA LIGA DOS COMBATENTES COM VOTOS DE UMA PÁSCOA COM SAÚDE E UM FELIZ DIA NACIONAL DO COMBATENTE

9 de abril de 2021

TENENTE-GENERAL JOAQUIM CHITO RODRIGUES

O nosso regozijo pelas datas que evocamos, contrasta com os condicionamentos com que a pandemia teima em fustigar os portugueses e consequentes restrições impostas pela situação de emergência em que vivemos.

No ano em curso, em que celebramos o centenário da fundação da Liga dos Combatentes, o centenário da chegada à Batalha dos Soldados Desconhecidos, o 103.º aniversário da Batalha de La Lys e o Dia do Combatente, agora reconhecido pela Assembleia da República, vemo-nos impedidos de nos reunirmos e convivermos como é nosso hábito e tradição. Presencialmente, estaremos condicionados, mas isso não nos impedirá de, em comunhão espiritual, vivermos o dia 9 de abril, como sempre, honrando os nossos mortos, evocando a nossa História e apresentando os nossos anseios de aprofundamento do apoio à saúde e do apoio social aos combatentes e suas famílias, propondo a revisão da Lei 3/2009.

No próximo dia 9 de abril teremos connosco Sua Exa. o Presidente da República, na Batalha que, depois de uma missa celebrada por Sua Excelência Reverendíssima o Bispo Rui Valério, vai condecorar a Liga dos Combatentes com a Torre Espada. Colocará seguidamente uma coroa de flores no Monumento aos Combatentes da Grande Guerra na Avenida da Liberdade, em Lisboa e estará connosco na sessão solene a realizar na sede da Liga. É uma honra e uma distinção para todos nós, esta presença do Senhor Presidente da República em três momentos significativos deste nosso dia festivo. Como honroso para todos os Combatentes do Ultramar é a condecoração da Liga dos Combatentes com a Torre Espada, Valor, Lealdade e Mérito, a mais alta condecoração do país, gesto de reconhecimento que atinge todos os membros da Liga pelos serviços prestados a Portugal.

A vós, membros da Liga dos Combatentes, como Presidente da Liga dos Combatentes, em meu nome pessoal e de toda a Direção Central, aqui deixo uma mensagem de profundo regozijo e reconhecimento por sermos parte daqueles que ajudaram a Liga dos Combatentes a ser o que é hoje, uma centenária Instituição, Patriótica e Humanitária, de grande prestígio nacional e internacional, ao serviço do país e dos seus membros.

O dia 9 de abril, Dia Nacional do Combatente, será um dia de festa. Sabemos que, como sempre, os dias que se seguem continuarão a ser dias da nossa luta. Luta por melhores dias para os nossos camaradas necessitados, luta pelos nossos valores. A confiança e a esperança são para nós os sentimentos comuns que não nos abandonarão.

Gritemos bem alto: Liga dos Combatentes Valores Permanentes; Liga dos Combatentes Em Todas as Frentes.

Votos de uma Páscoa com saúde e o desconfinamento e reunião familiar possíveis.

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

SESSÃO SOLENE EVOCATIVA DO DIA DO COMBATENTE, CENTENÁRIO DA LC E DO SOLDADO DESCONHECIDO E 103.º ANIVERSÁRIO DA BATALHA DE LA LYS

9 de abril de 2021

TENENTE-GENERAL JOAQUIM CHITO RODRIGUES

Exmo. Senhor Presidente da República e Comandante Supremo das Forças Armadas Professor Doutor Marcelo Rebelo de Sousa

Excelência

Permita que apresente a V. Exa. as nossas sinceras felicitações e desejos dos maiores êxitos no novo mandato que os portugueses acabam de lhe confiar.

Depois, manifestar a V. Exa. a satisfação, regozijo e agradecimento, por não só, ter dedicado hoje o seu dia a acompanhar e apoiar os antigos combatentes por Portugal, mas sublinhar a sua anuência ao patrocínio das Cerimónias evocativas do nosso centenário, bem como o seu posicionamento de respeito pela História Militar portuguesa do século XX, em particular pelos que dela são parte, e se bateram, heroicamente, em guerra prolongada no Ultramar, considerando a Liga dos Combatentes, Membro Honorário da Torre Espada Valor Lealdade e Mérito. Facto que jamais será esquecido e será inscrito na História da nossa Liga dos Combatentes, como a demonstração do significativo reconhecimento, por parte do mais alto magistrado da Nação, pelos serviços prestados em tempo de guerra, pelos seus membros e, em tempo de Paz, pela Instituição patriótica, humanitária e defensora dos direitos humanos que a decidiram servir.

Exmo. Senhor Ministro da Defesa Nacional; Exmo. Senhor Chefe do Estado Maior General das Forças Armadas; Exma. Senhora Secretária de Estado dos Recursos Humanos e Antigos Combatentes; Exmo. Senhor Chefe de Estado Maior da Força Aérea; Exmo. Senhor Chefe de Estado Maior da Armada; Exmo. Senhor Chefe de Estado Maior do Exército; Exa. Reverendíssima o Bispo das FA e FS; Exmo. Presidente da Sociedade Histórica e da Independência de Portugal; Exmo. Senhor Vice-Presidente, da Sociedade de Geografia; Exmo. Senhor Presidente dos CTT; Exmo. Sr. General Presidente do Conselho Supremo e Membros do Conselho Supremo; Exmos Almirantes, Generais e Diretores-gerais; Ilustres convidados, Minhas Senhoras e Meus Senhores. Caros dirigentes e Caros Combatentes

O nosso maior reconhecimento pelo vosso apoio e a pela vossa distinta presença. O povo que não conhece a sua História está condenado a repeti-la! Afirmou recentemente Exa. Sr. Presidente da República, numa das suas alocações ao país.

Nós, que não queremos estar condenados a repetir aquilo que desagradou a nossos avós, seguimos hoje o caminho de enaltecer e criticar, aprendendo com o passado, para viver o presente e construir o futuro.

Fomos recentemente despertados por vozes adormecidas que nos perturbariam se não fôssemos fieis aos nossos princípios e valores históricos, mas que não deixam de nos provocar um sentimento de tristeza, logo seguido de um sentimento contido de alguma revolta. Ainda assim, revolta democrática.

A democracia também deixa sobressair minorias. Também elas têm direito a viver e a falar, mesmo que fiquem a falar sozinhas, ou porque o que dizem não nos faz qualquer sentido ou, fazendo,

ameaçam de forma reacionário-revolucionária a própria sociedade em que vivem, devendo então merecer a nossa permanente atenção democrática.

Hoje, seguindo a orientação inspiradora das nossas vidas, estamos aqui para revisitarmos uma parte dessa mesma História, fonte inesgotável inspiradora da construção do nosso presente e do nosso futuro.

Há precisamente um século, a 9 de abril de 1921, o povo português vestia-se de luto. Um acontecimento despertava o sentimento de gratidão desse povo aos seus combatentes, pelo que se aglomerou em Lisboa e na Batalha, para acompanhar dois soldados desconhecidos caídos na Grande Guerra, e que regressavam a casa, um vindo de França e outro de África, os quais foram solenemente inumados na sala do capítulo do Mosteiro de Santa Maria da Vitoria, onde ainda hoje nos curvamos e silenciámos em sua memória, e que continuamos a honrar e respeitar com cerimónias periódicas e com uma guarda de honra permanente do Exército a que pertenciam.

Esse acontecimento, que hoje enaltecemos solenemente, replicou o acontecido em França a 11 de novembro de 1920 e se estendeu depois a outros países da Europa e aos EUA, aprofundou o sentimento que desde 1919 pairava no espírito de alguns combatentes da Grande Guerra, os quais, confrontados com o abandono com que se viam votados por parte do Estado, decidiram organizar-se para garantir algum apoio aos combatentes mais carenciados, viúvas e órfãos. Nascia, assim, uma organização patriótica e humanitária que viria a chamar-se Liga dos Combatentes da Grande Guerra. É a ela também e aos membros que lhe continuam a dar vida, que hoje dedicamos esta sessão solene, ao assinalarmos o Centenário da sua fundação.

Honra aos seus fundadores, dos quais saliento João Jayme de Faria Affonso.

Hoje, dia cheio de significado, já que igualmente como vimos fazendo desde então, celebramos o Dia do Combatente. Dia do 103.º Aniversário da Batalha de La Lys, no corrente ano, por proposta do Governo, e da LC, finalmente reconhecido oficialmente pela Assembleia da República, como Dia Nacional do Combatente.

A estes três factos que foram esta manhã evocados pelos antigos combatentes em todo o Portugal onde exista um Núcleo da Liga dos Combatentes ou Associação, não queremos deixar de juntar uma referência a mais uma significativa efeméride.

O 25.º aniversário da 1.ª Missão das Forças Armadas, na Bósnia e Herzegovina em 1996 e curvando-nos perante a memória dos que ali caíram.

Gostaríamos de ver evidenciados e transmitidos a todo o Portugal por quem tem a missão de informar, promover e interpretar o verdadeiro sentimento do povo português e da sua história, estas efemérides numa singular ação de cidadania.

Exmo. Senhor Presidente da República,
Minhas Senhoras e meus senhores

Nós Combatentes, oriundos de umas Forças Armadas em que muitas vezes o nosso silêncio falou mais alto e normalmente teve dificuldade de entendimento pelo poder político, continuamos a entender que quer os antigos Combatentes, quer as Forças Armadas continuam a seguir o mesmo princípio.

Ontem, como hoje, o silêncio dos Combatentes e das Forças Armadas deve ser atentamente interpretado pelo Poder Político. É isso que nos confirma um século de História.

Permitam-me, pois, uma breve palavra sobre o século de vida da Liga dos Combatentes. Ele pode ser observado considerando quatro tempos, entre vozes e silêncios.

Um primeiro tempo que denominamos de NASCIMENTO, de 1921 a 1934, estendendo-se desde a sua fundação em 1921, passando pela sua primeira AG em 1923 e pela sua oficialização em Diário do Governo em 1924 e a sua consolidação com agências e delegações espalhadas pelo país, com os seus órgãos eleitos democraticamente. Vai até ao Estado Novo. Termina tendo como Presidente Hernâni Cidade.

Um segundo tempo que denominamos de CONSTRANGIMENTO de 1935 a 1974, que se inicia na prática com a assunção de Oliveira Salazar da pasta da Defesa, momento de tentativa de apagamento, e a partir do qual as Direções da LC passam a ser nomeadas pelo poder político. Termina com o general Arnaldo Shultz, a quando do 25 de abril.

Um terceiro tempo que denominamos de ADAPTAÇÃO inicia-se após o 25 de Abril. De 1975 a 2002. A LC volta a ver se suas direções eleitas pelos seus sócios. Perde, no entanto, bastantes Núcleos, nomeadamente os existentes no ultramar. É marcada pela construção do Monumento aos Combatentes do Ultramar em Belém. Termina com o general Faria de Oliveira.

Finalmente, um quarto tempo que designei por de RENOVAÇÃO de 2003 aos nossos dias, que é momento do tempo presente e se continuará no futuro com a renovação da Liga dos Combatentes e sua adaptação às novas circunstâncias.

Esse objetivo materializa-se projetando a sua história centenária no presente e suas circunstâncias para, adotando uma atitude prospetiva, criar as condições necessárias à garantia da sua perenidade. Todas as nossas ações de hoje devem ter como horizonte contribuir para esse objetivo último: - a perenidade da Liga dos Combatentes.

A Liga dos combatentes vive uma trajetória de longa duração. Avançámos com o tempo e a história e tivemos um século XX brilhante. Embora brilhante, ao garantir a sua sobrevivência, viveu períodos distintos em que ao consolo dos êxitos obtidos, se opuseram dificuldades que só a força dos seus objetivos e dos seus dirigentes e membros, permitiu superar.

Temos vivido no presente, neste quarto tempo de Renovação do séc. XXI, com novas características históricas da Liga dos Combatentes. Temos sido fiéis ao Grito que adotamos para nós próprios, Liga dos Combatentes Valores permanentes, Liga dos Combatentes em todas as frentes.

E crescemos em todas as frentes. No número de sócios, no número de núcleos, no apoio à saúde, no apoio ao stress pós-traumático de guerra, aos sem-abrigo, enfim, no apoio social e no âmbito cultural e de defesa dos direitos humanos.

Sabemos que o Século XXI, a manterem se as condições de Paz, em território nacional, que desejamos, trazer nos á igualmente o desaparecimento dos Combatentes da Guerra do Ultramar.

O universo da Liga dos Combatentes, para além dos combatentes da guerra do ultramar, vem já sendo encontrado nos combatentes das operações de Paz e Humanitárias, os quais já se encontram representados em mais de cinquenta por cento dos nossos núcleos, nos membros das Forças Armadas e Forças de Segurança, nos familiares de Combatentes e nos cidadãos que se reveem nos nossos objetivos.

O nosso Programa Passagem do Testemunho com os subprogramas Aprofundamento da abrangência procurando ter um delegado em cada unidade militar e em cada freguesia, em ligação com os 120 núcleos espalhados pelo país, bem como o subprograma dos avós aos netos, fazendo sócios os filhos e os netos dos combatentes, é já hoje uma demonstração da nossa juventude.

Direi que os dois últimos dois Núcleos da Liga criados, um a Associação de Capacetes Azuis e o outro dos portugueses que vivendo agora em Portugal serviram a Legião Estrangeira Francesa e desejaram juntar-se a nós constituindo um Núcleo da Liga dos Combatentes, e cujos presidentes se encontram presentes, são dois exemplos dessa nossa Renovação tranquila, em curso. Sublinho ainda que os nossos estatutos admitem como sócios combatentes todo o cidadão que em território nacional tenha desempenhado uma missão segurança em situação de estado de sítio ou de emergência.

Donde os novos heróis da situação pandémica que vivemos, desde a saúde, às Forças Armadas, Forças de Segurança e Proteção civil, são mais um universo que se abre aos sócios combatentes da Liga dos Combatentes.

Não posso terminar sem uma referência a situação pandémica que vimos vivendo e como ela tem sido sentida na Liga dos Combatentes. Naturalmente, como em todo o país segundo duas óticas. O aspeto humano e o aspeto económico. Sob o aspeto humano podemos afirmar que registamos até agora uma vitória não obstante alguns casos de Covid19 entre os nossos membros, não tivemos qualquer caso nas duas residências, de Extremoz e do Porto, creche ou jardim-de-infância.

O trabalho desenvolvido pelo nosso Centro de Apoio Américo Psicológico e Social e pelos Núcleos tem sido exemplar e de enaltecer. Já no que diz respeito ao aspeto económico sentimos não só uma derrota, mas uma preocupação profunda com a redução praticamente a zero das nossas receitas próprias resultantes da área da cultura e do turismo. Reconhecidos à Senhora Secretária de Estado pelo reforço do apoio anual normal, que foi possível conceder à Liga, já que não temos outra forma de revolver os graves problemas com que nos confrontamos e que a natureza nos criou e continuará a criar em 2022.

A acrescentar a essa situação dois assuntos nos preocupam profundamente: a resolução definitiva do Princípio da Onerosidade e a Revisão da Lei 3/2009 para melhoria do suplemento especial de pensão e acréscimo vitalício de pensão dos antigos combatentes, bem como a atribuição do vencimento mínimo às pensões de pobreza dos Combatentes e viúvas, e ainda o aprofundamento do apoio social e o aprofundamento do apoio a saúde, benefícios que o estatuto não contemplou.

A terminar permitam-me uma palavra de agradecimento ao senhor General Gonçalves Ribeiro por ter acedido a reviver connosco alguns momentos de História pessoal e de Portugal.

Ao senhor José Manuel Baptista se ter dignado oferecer à Liga dos Combatentes o espólio de seu pai José Maria último combatente da GG.

Ao Sr. Presidente dos CTT Prof Dr. João Bento e sua equipa por acedido a tornar perene na história filatélica, a evocação do nosso Centenário.

Exmo. Senhor Presidente
Minhas Senhoras e meus Senhores

O dia de hoje é de profundo regozijo. Pelos momentos de memória que hoje assinalamos e revivemos. Pelo reconhecimento que de fomos alvo por Sua Exa o Presidente da República. Pela certeza do vosso incondicional apoio no futuro. Muito obrigado a todos pela vossa presença.

*Viva a Liga dos Combatentes.
Viva Portugal*

DIA DAS OPERAÇÕES DE PAZ E HUMANITÁRIAS

29 de maio de 2021

TENENTE-GENERAL JOAQUIM CHITO RODRIGUES

Exmo. Senhor Ministro da Defesa Nacional Prof Dr. João Gomes Cravinho é uma honra ter-se V. Exa dignado presidir a esta cerimónia num dia de especial significado.

Exmo. Senhor CEMGFA Almirante Silva Ribeiro

Os nossos sinceros agradecimentos pelo seu apoio e a sua presença nesta cerimónia.

Exma. Sra. Secretária de Estado dos Recursos Humanos e Antigos Combatentes Prof. Dr.ª Catarina Sarmento e Castro

Os nossos sinceros agradecimentos por estar mais uma vez connosco.

Exmo. Senhor CEMFA General Joaquim Borrego; Exmo. Senhor CEMA Almirante António Calado

Exmo. Senhor CEME General Nunes da Fonseca; A vossa presença é para nós uma honra e o testemunho do vosso incondicional apoio.

Exmos. Senhores Representantes do General Comandante Geral da GNR e do Diretor Nacional da PSP; Exmos. Senhores Vice-chefes dos Ramos das FA, Almirantes, generais e Diretores-gerais. Excelência Reverendíssima Bispo das FA e FS, D. Rui Valério e Exmos. Senhores Presidentes das Câmaras Municipais da Batalha, Oeiras, Vila Franca de Xira e de Vendas Novas; Exmos. Presidentes e Membros do Conselho Supremo, Direção Central, Conselho Fiscal e Núcleos; Exmos. Presidentes da ADFA, APOIAR, APCA e Associações Nacionais de Oficiais, Sargentos e Praças; Exmos. Presidentes do OIDH, Sociedade de Geografia e Comandante da Real Associação de Bombeiros Voluntários de Lisboa. Ilustres Convidados. Caros Combatentes das Operações de Paz e Humanitárias

Na linha da evocação do Dia que a ONU designou por Dia Internacional dos Capacetes Azuis, celebramos hoje, mais uma vez, o Dia das Operações de Paz e Humanitárias, englobando nas homenagens os que serviram Portugal, na União Europeia, na OTAN e noutras missões no mundo.

Homenageamos assim, os que se bateram, caíram, ou se batem hoje, em missões da ONU, da União Europeia e da OTAN, ou em ações de cooperação bilateral, integrados em forças nacionais destacadas ou individualmente designados, servindo Portugal, com bravura, nas Forças Armadas, na linha tradicional e historicamente comprovada, do povo português.

Permitam-me que cite o escritor, médico e menino da Luz, Júlio Dantas, quando numa conferência na Academia Brasileira de Letras, em junho de 1923, discursava subordinado ao tema “O Heroísmo”, afirmando:

É das virtudes guerreiras do povo português que venho falar-vos, do seu esforço, da sua bravura, do seu sacrifício, da sua abnegação heroica, da sua energia indomável, do seu batalhante idealismo cristão, que de olhos fitos no estandarte da virgem, como em Navas de Tolosa, numa cruz abacial de prata, como no Salado, numa bandeira e Jesus crucificado, como em Aljubarrota, numa cruz aberta e vermelha de Cristo, como na epopeia das navegações, conquistou palmo a palmo a Terra, abriu de rota em rota os mares e de oceano em oceano, de continente em continente, semeou padrões,

descobriu mundos, criou impérios escutando o fragor das batalhas, o rugido das tempestades, o estridor das trombetas de guerra, a aleluia dos sinos, o ribombo da artilharia, o bramido convulso do mar...

A bravura portuguesa! Como poderíamos nós duvidar dela- se ela tem um padrão, uma memória, um monumento em cada canto de Portugal?

Catedrais, mosteiros, torres, castelos, muralhas, cruzeiros, pedras-de-armas, tudo nos fala desse heroísmo cheio de ideal, dessa bravura resplandecente de fé...

E nós escutamola num êxtase de íntimo orgulho perguntando a nos próprios - como eu pergunto agora - se nas nossas veias não correrá ainda o sangue de algum escudeiro de Nuno Alvares, de algum louco da ala dos Namorados, de algum montanhês sublime dessa arraia-miúda d' Aljubarrota, que deu uma Pátria a Portugal e uma lição ao mundo.

Não podemos abranger todo o ciclo heroico de Portugal, (e eu diria nem esquecer o sacrifício heroico de La Lyz ou da guerra do ultramar, nem a coragem destemida do 25 de Abril)... mas ainda alguma coisa falta. Os povos não se engrandecem apenas pelo heroísmo que espalha a morte; engrandecem se sobretudo pelo heroísmo que cria a vida. Superiores aos heróis que destroem, são os heróis que edificam acima do heroísmo do mal, gérmen das nações, estão o heroísmo do bem, flor da humanidade....

É o heroísmo da paz, (o heroísmo da manutenção da Paz), é o heroísmo do trabalho- virtude suprema, força invencível dos povos, glória pacífica das Nações. Tão grande como o Portugal que batalhou, como o Portugal que navegou, como o Portugal que venceu. – É o Portugal trabalhando, lutando (em Paz), utilizando as suas espantosas possibilidades, aumentando a sua riqueza, pela ação dos seus heróis e dos seus sábios para obra magnífica da civilização.

Homenagem de hoje que na mesma linha de pensamento, é de toda a justiça ser feita, pois é do conhecimento público a excelência do comportamento dos militares portugueses de terra, mar e ar, ao longo dos anos, nas mais diversas circunstâncias.

Percorrendo espaços terrestres, marítimos e aéreos que os projetam no mundo, para além do mar, qual novo ultramar de interesses nacionais, continuador da oceânica idiosincrasia nacional, no apoio, manutenção ou imposição da Paz, na cooperação bilateral ou defesa dos direitos humanos, as Forças Armadas Portuguesas têm demonstrado externa e internamente a sua competência e versatilidade.

Essa versatilidade, não obstante os reais condicionamentos em meios e efetivos, para sua sustentação, tem ultimamente sido posta em evidência aos olhos dos portugueses, em missões de proteção da sociedade civil, e de que as missões de apoio nos fogos florestais e na pandemia, são extraordinário exemplo.

Exemplo que deve ser evidenciado à juventude demonstrando que tendo as Forças Armadas que estar preparadas, em permanência, para se necessário, atuarem em missões violentas, é a única instituição capaz de responder eficazmente a todo o tipo de missões de apoio à Paz e a toda a espécie de solicitações que ultrapassam as capacidades normais da sociedade civil. Missões há bem pouco tempo politicamente proibidas e hoje elogiadas e reconhecidas.

Servir nas Forças Armadas, para além de um dever cívico é uma honra que a juventude, se bem informada, e perante incentivos justos e correspondentes ao que lhes é solicitado, se necessário a própria vida, mais facilmente poderá aderir.

Permitam-me agora agradecer a todos V. Ex^{as} o apoio que há anos vêm concedendo para que o dia 29 de maio seja marcado como um dia de Homenagem não só aos que se bateram e batem neste novo Ultramar de interesses nacionais, mas também aos que aí caíram ao serviço de Portugal.

Há precisamente 28 anos que ocorreu a primeira Operação de Paz e Humanitária em África, em Moçambique, a ONUMOZ, onde estivemos representados pelo BTms 4 e há precisamente 25 anos que ocorreu a primeira Operação de Paz de forças portuguesas na Europa, concretamente na Bósnia, onde estivemos igualmente representados por um Batalhão de paraquedistas.

Assinalo que tendo militares desta unidade ali erguido um monumento, com especial interesse do coronel Miguel Machado, em homenagem aos militares paraquedistas ali caídos, foi em 2017 assinado no Regimento de Paraquedistas, um protocolo entre o Município de Doboj e a Liga dos Combatentes, tendo em vista a manutenção da dignidade do monumento para o que a Liga dos Combatentes colabora com 120 euros anuais. Assinalo que no passado dia 23, dia do paraquedista, a Camara de Doboj, colocou uma coroa de flores no referido Monumento em homenagem aos paraquedistas portugueses.

Mais um ano em que neste dia e inspirados pelo Dia escolhido pela ONU para homenagear os Capacetes Azuis, homenageamos todos os que participaram nas Missões de Paz.

Começamos a fazê-lo em 2004 ano em que aqui estive discursando o tenente General Calçada então Tenente Coronel Comandante do Batalhão que serviu no Kosovo.

Em 2006, inaugurámos a Lápide com o nome dos militares caídos nas operações de Paz e ouvimos o então Major General, hoje Tenente General Vaz Antunes, então em missão na U E, discursar sobre o Combatente e a União Europeia.

Em 2011, lançámos o programa Estratégico e Estruturante Passagem do Testemunho e em 2014 tivemos neste local a condecoração do estandarte e de militares regressados do Afeganistão e uma intervenção do General Pina Monteiro bem como uma exposição sobre o Afeganistão no Museu do Combatente, organizado pelo EMGFA.

Em 2017, tivemos a assinatura do protocolo com a Câmara de Doboj a 23 de maio e a 29 de maio a cerimónia militar de homenagem aos combatentes das Operações de Paz, bem como uma exposição e uma conferência com a participação de elementos do Exército, da GNR e da PSP, no Museu do Combatente.

Em 2018, em cerimónia Presidida por Sua Exa o Presidente da Republica e o apoio do EMGFA foram aqui evocados os 70 anos da ONU e a Participação das Forças Portuguesas nas Operações de Paz com destaque para a primeira força nacional destacada para Moçambique, o BTm4.

Em 2019, com o Apoio do senhor CEMGFA, Almirante Silva Ribeiro que aglutinou os senhores Chefes dos estados-maiores dos três ramos, Comandante Geral da GNR e Diretor da PSP foi possível inaugurar neste espaço, junto a Lápide dos caídos, o Monumento de homenagem aos combatentes das Missões de Paz.

No ano de 2020, não obstante os condicionamentos da pandemia não deixámos de estar presentes numa homenagem simbólica como a presença de todos os chefes militares e da Exma. senhora

SERHAC Prof Dra. Catarina Sarmiento e Castro, tendo sido realizado no Museu do Combatente uma exposição e um momento musical alusivo aos combatentes das operações de paz.

Há, pois, 17 anos que a Liga dos Combatentes com o apoio das Forças Armadas, tem vindo anualmente a integrar no seu calendário de evocações, integrado no seu Programa Passagem do Testemunho, a cerimónia Evocativa do Dia das Operações de Paz e Humanitárias, na linha das suas evocações a 9 de abril e a 11 de novembro.

Hoje tivemos o prazer de ouvir o Presidente da recentemente criada Associação Portuguesa dos Capacetes Azuis e Núcleo da Liga dos Combatentes, Fernando Silva, fazendo votos para que esta simbiose que se inicia, seja mais uma sólida pedra na construção de uma verdadeira passagem do testemunho aos novos combatentes.

Na sequência desta cerimónia teremos a integração no Museu do Combatente, no espaço dedicado a Marinha de uma Viatura Anfíbia LARC, cedida por decisão do Exmo. senhor Almirante CEMA António Calado e que teremos o prazer de inaugurar a que se seguirá a inauguração de uma exposição relativa às Operações de Paz e Humanitárias, elaborada pela Diretora do Departamento de Marketing e Relações Públicas do Museu do Combatente D. Isabel Martins e a apresentação de trabalho especial realizado pelo Coronel da FA Paulo Gonçalves, Representante das Nações Unidas para as Operações de Paz em Portugal e que inclui um filme de cerca de 12 minutos, da sua autoria, premiado pela ONU, e que hoje a ONU põe no ar em todo o mundo.

Termino com uma homenagem aos combatentes que há 25 anos se bateram e caíram na Bósnia e ao ambiente que envolveu a sua marcha, através de um poema que foi redigido em 1996, precisamente após as primeiras baixas na Bósnia e tem por título:

VOLUNTÁRIO

*Acordei com insónia
Curioso de saber primeiro
Afinal quem fora para a Bósnia.
Se a vontade individual,
Ou a de um povo inteiro
A vontade de Portugal.
Oh insónia extemporânea e estúpida
Oh sentimento de expressão telúrica
As vontades expressas dos governos,
Presidente e Assembleia da Republica
São nos seus precisos termos
Não uma voz individual
São a voz de Portugal!*

*Julgavas bem ao dormir!
Mas para a Bósnia sim ou não?!
Há que decidir!
Não era afinal a questão
Importava para alguns garantir
Algo que já não é novo:*

*Não ser Portugal a partir
Mas sim o filho voluntário do povo!*

*Vem ou não na Constituição
Questionam-se os doutrinários
Políticos discutem e decidem
Para Bósnia um Batalhão.
O Exército escolhe o melhor que tem
De entre os inúmeros voluntários,
Melhor se disser duas vezes ao que vem.*

*Marcham!
Mal se começavam a alojar
Confirmavam-se os receios!
Como qualquer missão militar
Não se tratava de passeios!
Foi entre todos, tirado às sortes
Como se Deus quisesse alertar
Que a Paz, como a guerra, não perdoa brincar.*

*Na retaguarda querelas
Discussões quentes!
Parecem vontades paralelas
Quando se impõem convergentes.*

*Paralelas?!
Convergentes?!
Na frente
Coesão!
Na mente
A missão.*

Enfim, para terminar eu direi, em Homenagem aos que ali caíram e têm seu nome numa das lápides deste memorial:

*Caia-se onde se cair
Caia-se como se cair
Dos valores por que se cai
Ergue-se um Portugal Maior!*

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

DIA INTERNACIONAL DA PAZ, FORTE O BOM SUCESSO, BELÉM, LISBOA

21 de setembro 2021

TENENTE-GENERAL JOAQUIM CHITO RODRIGUES

Senhor Presidente da Associação dos Deficientes das Forças Armadas,
Elementos da Direção da ADFA
Senhor General, Vice-Presidente da Direção Central da Liga dos Combatentes
Membros, Vogais da Direção Central

Na sequência daquilo que vimos fazendo há uma dúzia de anos a esta parte, sobre várias formas e de acordo com as circunstâncias, marchando, correndo ou discursando, mas sempre com o tema... um tema que a ONU escolhe para este dia, como o Dia Internacional da Paz. Este ano, como já foi afirmado é tão simples como foi o ano transato, mas lemos aqui uma mensagem do mais alto representante das Nações Unidas, o que significa que por mais simples que este ato seja, tem elevado significado, porque se junta a outros pelo mundo inteiro, com a mesma finalidade. Lembrar ao mundo a importância da paz, que a paz tem vários matizes, tem várias óticas, tem vários significados embora se escreva apenas com três letras. Encontramo-nos num lugar de paz eterna.

A paz faz desaparecer dos vivos aqueles que deram alma ao mundo e acabam por desaparecer, mas em que os vivos lhe dão vida. E este lugar, que é um lugar de Paz Eterna, a nós Combatentes, cumpre-nos dar a vida a esses que deram a vida pela Pátria. É a Paz Eterna, mas essa paz que o próprio Secretário-geral das Nações Unidas evoca opõe-se à guerra, essa que nós conhecemos bem porque passámos por ela. Paz e guerra. Se há uns tempos atrás, a Paz tinha um conceito de ser um intervalo entre guerras, hoje o conceito mudou e, basta ouvir a mensagem do Secretário-geral das Nações Unidas para sentirmos que esse conceito mudou realmente e hoje, não há intervalos, mas há paz e guerra.

Há paz e guerra no globo. Um novo estilo de guerra, mas que ameaça tudo e todos, sem sabermos quando e onde, portanto, a paz externa que é outro conceito que temos como comunidade e como país independente. Paz externa. Há 200 anos que não somos invadidos. Estamos em paz externa? Não! Porque estivemos na Grande Guerra, porque estivemos na Guerra do Ultramar, porque as Forças Armadas são chamadas a ir para um lugar onde é preciso impor a Paz, porque os novos tipos de guerra e de ameaça não têm lugar definido onde ocorrem, portanto, temos uma paz externa onde a guerra é permanente, a ameaça é permanente, seja do homem, seja da natureza. O que é que se opõe à paz externa? A paz interna. Vivemos numa paz interna porque vivemos em democracia. Em democracia não há inimigo interno e, portanto, devíamos de viver em paz interna, mas as circunstâncias, sabem muito bem, que resvalam para o crime, para a corrupção, para a instabilidade dentro da sociedade e aí há organizações que têm de se opor a essas circunstâncias, mas a paz interna prevalece.

Não temos inimigo externo a não ser aqueles que ameaçam o mundo inteiro. Inimigo interno também não devemos considerar porque a democracia assim permite. Sabemos muito bem, que há uns anos atrás, tínhamos um inimigo interno, porque assim era considerado pelo Governo que antecedeu o 25 de Abril, mas mais do que todas estas formas de paz, há uma paz individual, a paz do próprio homem e do próprio cidadão que também tem matizes e variantes e, é fundamental que tenhamos paz física, paz mental, paz social e é aqui que nós ADFA e Liga dos Combatentes temos que lutar porque aqueles que se juntaram a nós, Combatentes como nós, militares como

nós, suas famílias, necessitam de paz física, mental e social. E aí há muito que fazer, pelo Estado e por nós próprios e é preciso lutarmos para que cada um de nós tenha cada vez e a cada momento tranquilidade física e mental. E onde faltar a paz e a tranquilidade social nós lutemos para que essa situação seja melhorada a todos aqueles que se juntaram a nós. E é isso que fazemos dia-a-dia, com tranquilidade em quaisquer circunstâncias, sejam as ameaças físicas, sejam as ameaças da natureza como tem acontecido recentemente, em que felizmente através da ciência e do esforço de muitos de nós ultrapassamos e estamos a ultrapassar uma ameaça da natureza. O tema Paz, portanto, é um tema muito complexo. É uma luta permanente. Felizmente neste canto à beira-mar plantado, dada a sua posição estratégica temos sido protegidos por essa ameaça global, real.

O próprio Secretário-geral das Nações Unidas revela, pedindo um cessar fogo por 24 horas, onde os refugiados surgem em todos os continentes. Há de facto uma situação do mundo inteiro que nós vivemos porque usufruímos de uma informação permanente e imediata e, portanto, sofremos tanto como aqueles que sofrem no próprio lugar onde isso acontece. Quando nos juntamos aqui, no dia em que a ONU estabelece um dia internacional e, na linha dos Combatentes do mundo inteiro representados pela Federação Mundial dos Antigos Combatentes a que pertencemos e que também nos solicita para que marquemos este Dia da Paz, para que os Combatentes do mundo inteiro sejam cada vez menos utilizados.

Nós mesmo em circunstâncias difíceis, como aconteceu o ano passado e como aconteceu este ano estamos aqui reduzidos às Direções das nossas Instituições, com os nossos sócios e os nossos membros afastados de nós fisicamente, mas temos todos connosco, no dia de hoje, pensando neles, lutando para que a paz seja de facto, uma paz real.

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

DIA DA IMPLEMENTAÇÃO DA REPÚBLICA, CASTELO DE S. JORGE, LISBOA

05 de outubro de 2021

TENENTE-GENERAL JOAQUIM CHITO RODRIGUES

A IDENTIDADE E A INDEPENDÊNCIA NACIONAIS

Percorremos hoje, 5 de outubro de 2021, mais um aniversário da independência de Portugal. Como nasceu e se manteve a sua Identidade?

O tema IDENTIDADE é um desafio ao mesmo tempo aliciante e complexo. Vários são os caminhos possíveis. Ao conceito matemático, do direito, ou da IDENTIDADE das Coisas, damos hoje prioridade ao conceito de IDENTIDADE que englobe a atividade racional e do espírito. A IDENTIDADE INDIVIDUAL, a IDENTIDADE INSTITUCIONAL ou a IDENTIDADE NACIONAL.

É um facto que fatores aglutinadores podem, a partir de uma diversificada e plural identidade individual, criar Identidades Institucionais, e mesmo dar origem a uma Identidade Nacional. Esta, uma vez atingida, dará origem à Independência de um povo. No nosso caso de Portugal.

A Identidade Individual caracteriza o Homem como pessoa, como personalidade inteligente e livre.

Os atributos que nessa natureza humana se encontram, e só nela, distinguindo-a de todas as outras criações, são a consciência, a razão e a liberdade (1). Pela consciência o Homem toma conhecimento do mundo sensível. Pela razão, compreende a vida e compreende-se a si mesmo. Pela liberdade, o Homem tem o poder de se modificar e aperfeiçoar, isto é, influenciar e ser influenciado pelo meio, sentindo assim diversamente os efeitos produzidos por uma mesma causa. E se o carácter individual é aperfeiçoável, também a nossa maneira de ser coletiva e de estar no mundo, o será.

O Caracter ou Identidade Nacional será a resultante das idiosincrasias individuais, ou seja, a forma de reagir coletiva, a “psicologia do povo”, o conjunto de traços dominantes da população “homogénea” designada por portugueses.

Mas quando se trata de identificar a “personalidade base” do povo português, a dificuldade surge, mas as opiniões de certo modo convergem. “O bom português é várias pessoas” dizia Fernando Pessoa: “Não me sinto tão portuguesmente eu, como quando me sinto diferente de mim”. Uma diversidade na unidade geradora de adaptabilidade e instabilidade do português. Esta síntese vê-se confirmada por Keyserling (2) ao afirmar “a multiplicidade do português alberga ao mesmo tempo tese e síntese”.

Por outro lado Jaime Cortesão (3) afirma que quando buscamos os elementos primordiais de uma tradição portuguesa, encontramos-nos com três virtudes básicas: a hombridade, a inquietação e a plasticidade amorável.

Nesta forma da unidade na diversidade dos portugueses importa referir que nem sempre as nações, e para Almada Negreiros (4) nunca, se apresentam como conjunto etno-psicologicamente homogéneo e daí o falar-se de Carácter Nacional e Caracteres Regionais. Se é verdade que “ a civilização portuguesa depende das civilizações ibéricas, greco-latina, ocidental-europeia, europeia e universal, não é menos verdade que ainda os caracteres regionais nos permitem

distinguir o português do norte do português do sul, o açoriano, o madeirense” Interpretações pessimistas surgem também como a de Almeida Faria (5) e outros, que sintetiza as qualidades do povo português a quem classifica de “povo desempregado desde Vasco da Gama, chegando de novo ao inultrapassável cabo Não”.

Diremos nós que quando os fatores de coesão são suficientemente fortes que levam algumas identidades individuais desse povo, a jurarem perante a Bandeira Nacional que “darão a vida se necessário for em defesa da Pátria”, dá-se origem a uma Identidade Institucional conhecida por Forças Armadas, com as suas diferentes componentes e que surge a partir de uma Identidade Individual denominada: - Soldado.

Se a estes soldados for dada a oportunidade política última de terem que se bater de armas na mão, na defesa dos interesses e valores superiores do país, o Soldado assume uma outra identidade, a que o povo de que é originário ficará reconhecido para sempre: - a Identidade de Combatente. E a Identidade de Combatente é ainda mais forte do que Identidade de Soldado. Foram esses Combatentes que levaram Mouzinho de Albuquerque a afirmar que “Portugal é obra de Soldados”.

E se, como diz Eduardo Lourenço, “Portugal é a única coisa que une os portugueses” foram e são os seus soldados o seu verdadeiro cimento aglutinador e os últimos sentinelas. Foi assim em Ourique e Salado. Aljubarrota e Atoleiros. Restauração e Guerra Peninsular, Grande Guerra e Guerra do Ultramar. Foi assim quando Portugal deu “novos mundos ao mundo”. Criou e perdeu Impérios. Ganhou e modificou a sua identidade ao longo dos séculos. De país “à beira mar plantado” a Império das Índias, a Império do Brasil, a Império Africano e finalmente no regresso às suas origens, as fronteiras de D. Diniz, mas que continuou sendo PORTUGAL. Agora com outra dimensão geográfica identitária, mas com idêntica dimensão humana, espalhada a nível global, num verdadeiro Império da Alma.

Império da Alma Portuguesa que vive e respira no Canadá, na América do Norte e América do Sul, na Europa, em África, na Ásia e na Oceânia, constituindo uma rede de portugalidade e amor a Portugal sem limites.

Ao longo dos séculos muitos deles foram Combatentes, construtores do Portugal de então. A maior parte regressava. Como regressou a maior parte dos que no século XX se bateram na África e na Flandres, bem como os que se bateram nos meados do mesmo século, em Angola, Moçambique e Guiné. Em qualquer das circunstâncias, sem o reconhecimento merecido da retaguarda política pelo esforço, determinação e coragem despendidos. E é a especificidade identitária do Homem Combatente que acaba por reunir condições e saber, ao sentir a necessidade de criação de uma nova Identidade Institucional, capaz de promover os valores superiores do país por que se bateu e de garantir a prática da solidariedade e o apoio mútuo para com os stressados, gaseados, mutilados, doentes físicos, mentais e sociais regressados da Guerra. Nasce assim a Liga dos Combatentes da Grande Guerra, hoje Liga dos Combatentes, a que tenho a Honra de presidir. Esta Identidade que há um século vem lutando pelo reconhecimento dos poderes públicos, arrancando do anonimato e abandono os que por sua determinação serviram o país, em situação de conflito aberto.

E se hoje se presente o reconhecimento público e do Portugal profundo por esses homens, falta ainda muito esforço para que a prática da solidariedade para com aqueles a quem a vida não sorriu e necessitam de apoio à saúde e apoio social, sem esquecer os que sofrem de stress pós-

traumático de guerra e os sem-abrigo, seja uma realidade efetiva. Importa garantir-lhes qualidade de vida que lhes permita viver com orgulho a Identidade de Combatente.

Eles são parte dessa Identidade Nacional resultante das características muito próprias da Identidade Individual dos portugueses e portuguesas e daquilo que têm sido capazes de construir ao longo de séculos.

Hoje, o conceito de herói, como outros, caiu na rua, chegando deturpado a diferentes patamares da vida. Os que tiveram que fazer e sofrer a guerra sabem o que é defender a Identidade Nacional e onde se encontra o verdadeiro heroísmo.

E acreditamos que a Pátria tem idêntico conceito identitário. Pátria que segundo Miguel Torga é “um pedaço de terra defendido”, vê ainda alargados os seus horizontes a esse verdadeiro Império da Alma que do Portugal geográfico de hoje se alarga às comunidades portuguesas que dos cinco continentes nos contemplam infundindo confiança e perenidade.

Hoje, a nossa Identidade deverá passar por esse verdadeiro Império da Alma. Contrariamos assim o que Miguel Torga, no seu Diário, afirma, dizendo que “cada português se pudesse, seria um habitante exclusivo de Portugal” e “onde o nosso velho complexo de inferioridade não para de roer-nos. E temos de ser grandes em tudo porque nos sentimos pequenos em tudo”.

Numa época em que regressámos à Europa, depois de termos sido os primeiros a levá-la ao mundo e os últimos a regressar a ela, evoluímos na nossa Identidade, caldeados por centenas de anos de influência branca, amarela e negra e somos hoje um povo complexo, diversificado e por isso rico e único que deverá aproveitar as suas características positivas, precavendo as suas vulnerabilidades.

Povo com extraordinário património espiritual, generosidade e espírito de sacrifício, saúde moral, capacidade de adaptação e de improvisação, vivacidade de espírito e instabilidade emocional. Avesso à disciplina e organização, marcadamente individualista.

Avesso a ações persistentes, mas capaz de grandes rasgos, o povo português apresenta hoje razoável grau de instrução, elevado grau de rusticidade e resignação, mas aberto à aventura, vê hoje a sua juventude aberta ao conhecimento.

São estes valores, positivos e negativos, que acompanham os cidadãos portugueses por todo o mundo, que moldam o Sistema Cultural Português e caracterizam a Identidade Nacional. Deverão eles ser parte informadora do Sistema Educativo e deverão eles ser postos ao serviço do Interesse Nacional. Seja qual for o lugar em que os portugueses os revelem.

Um dos objetivos estratégicos a atingir a nível nacional será, pois, colocar o diversificado potencial humano em valores e meios materiais espalhados pelo mundo, ao serviço do Interesse Nacional. Se hoje Portugal é um país geograficamente pequeno que volta a estar “à beira mar plantado” ele tem, porém, uma dimensão humana, estrategicamente colocada, de horizonte global.

O Império das Alma existe. É real e deve ser sistematicamente apoiado, politicamente organizado e considerado como um importante Fator do Potencial Estratégico Nacional e parte integrante da Identidade Nacional.

Só uma Identidade Nacional forte garantirá uma Portugalidade forte, como sustentáculo da Independência possível e conseqüente confiança no desenvolvimento do Portugal do Futuro.

Termino, porém, como poderia ter começado.

Então teria escrito outro tipo de intervenção e questionado: - Será que existe hoje uma crise da Identidade Nacional? Uma perda de Soberania? De Democracia? De posicionamento das Forças Armadas no seio do Estado e da forma como é prestado o serviço militar? Dos valores superiores predominantes? Existe uma crise de Identidade da União Europeia? As crises internacionais deram origem a conflitos armados e ameaçam a segurança internacional? A paz deixou de ser um intervalo entre guerras e passámos a ter em permanência Paz e Guerra? As respostas se afirmativas, merecem, uma profunda reflexão nacional.

Porque, trata-se, afinal, de garantir a INDEPENDÊNCIA NACIONAL e a nossa suficiente SOBERANIA como povo, com marcada IDENTIDADE NACIONAL, independente e livre.

(1) Abel de Castro, Filosofia, Pág. 13

(2) Analyse Spectrale de L'Europe, Paris 1965, pág. 230

(3) Humanismo Universalista dos Portugueses, Porto Ed.

(4) De Ensaios, Ed. Estampa

(5) Em Lusitânia Pág. 164

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

103.º ANIVERSÁRIO DO ARMISTÍCIO DA GRANDE GUERRA, 100.º ANIVERSÁRIO DA FUNDAÇÃO DA LIGA DOS COMBATENTES E 47.º ANIVERSÁRIO DO FIM DA GUERRA DO ULTRAMAR

11 de novembro de 2021

TENENTE-GENERAL JOAQUIM CHITO RODRIGUES

Mensagem aos Núcleos, Combatentes e Membros da Liga dos Combatentes e suas famílias em Dia de Armistícios

A paz evoca-se e comemora-se. A guerra odeia-se e deplora-se. Há 103 anos que vimos comemorando, no dia 11 de novembro, o Armistício daquela que foi denominada de Grande Guerra. Há, porém, mais de uma década que a Liga dos Combatentes decidiu, neste mesmo dia, por coincidência, o dia em que Angola comemora a sua independência, comemorar os 47 anos de mais um Armistício. Aquele que resultou do 25 de abril. O Armistício da Guerra do Ultramar. Este que trouxe paz aos membros das Forças Armadas, nos trouxe a democracia e a Paz, não obstante tivesse custado ao país vidas e anos de história, bem como a fuga de milhares de portugueses de lugares onde nasceram e viveram.

A nós Combatentes, que cumprimos o nosso dever, na defesa do então constitucionalmente considerado território nacional e das suas populações, e nos congratulamos, por finalmente, ao fim de treze anos, ter sido possível contribuir para calar as armas, devemos regozijar-nos por não termos perdido militarmente a guerra de guerrilhas que então enfrentámos. Se houve derrota, ela foi política e não militar. Se houve derrota, foi por falta de diálogo político e não falta de empenhamento das Forças Armadas, que conseguiram tempo suficiente para que o mesmo diálogo político fosse possível, em posição favorável.

Orgulhemo-nos por isso de termos cumprido a nossa missão militar, tal como os nossos avós cumpriram a sua na Grande Guerra e os nossos netos estão cumprindo a sua, nos compromissos internacionais do país.

Nós, Liga dos Combatentes, que continuamos comemorando o nosso Centenário, vivemos diretamente a Guerra do Ultramar e continuamos agora vivendo as consequências dessa mesma guerra, lutando pela dignidade dos Combatentes vivos e suas famílias e honrando e nunca esquecendo os Combatentes que lá e cá caíram. Não é apenas uma garantia da conservação da sua memória é também a garantia de um reconhecimento e gratidão que lhes são devidos.

Teremos connosco, na Cerimónia Nacional que vamos organizar, comemorando os Armistícios, junto ao Monumento aos Combatentes do Ultramar, em Belém, sua Exa. o Presidente da República. Tal significa que teremos connosco Portugal. Gritemos por isso com determinação e orgulho o nosso Grito:

*Liga dos Combatentes?
Valores Permanentes!
Liga dos Combatentes?
Em todas as Frentes!*

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

103.º ANIVERSÁRIO DO ARMISTÍCIO DA GRANDE GUERRA, 100.º ANIVERSÁRIO DA FUNDAÇÃO DA LIGA DOS COMBATENTES E 47.º ANIVERSÁRIO DO FIM DA GUERRA DO ULTRAMAR

11 de novembro de 2021

TENENTE-GENERAL JOAQUIM CHITO RODRIGUES

Exmo. Senhor CEMGFA, Almirante Silva Ribeiro

Agradeço o seu permanente e incondicional apoio. É uma honra termos a sua presença e a presidência de Va Exa nesta, para nós, tão significativa cerimónia.

Exma. Senhora SERHAC, Prof. Doutora Catarina Sarmiento e Castro, em representação do Sua Exa o MDN.

O nosso reconhecimento pela sua honrosa presença e pelos apoios concedidos à Liga dos Combatentes

Exmo. senhor Presidente da União de Freguesias de Belém, Dr. Fernando Ribeiro Rosa; Exmo. Senhor Almirante António Mendes Calado, Chefe de Estado Maior da Armada; Exmo. Senhor Vice-Almirante Sousa Pereira, Chefe da Casa Militar de Sua Exa o Presidente da República; Exmo. Senhor Superintendente-chefe Magina da Siva, Diretor Nacional da PSP; Exmo. Senhor Tenente-general Guerra Pereira, Vice-chefe do EME em representação do General CEME; Exmo. Senhor Tenente-general Rafael Martins, Vice-Chefe EMFA, em representação do General CEMFA; Exmo. Senhor Tenente-general Ormonde Mendes, Comandante do Comando de Doutrina e Formação da GNR, em representação do senhor Comandante Geral da GNR; Exmos. Senhores Almirantes, Generais e Diretores-gerais; Ex.ª Reverendíssima o Bispo da FA e FS D. Rui Valério; Exmos. Senhores Embaixadores, de França, Angola, Rússia e Timor; Adidos de Defesa e Militares de países amigos Exmo. Presidente do Conselho Supremo da Liga dos Combatentes, Membros do CS e Membros da Direção Central; Exmo. Senhor Presidente do Observatório Internacional dos Direitos Humanos Dr. Luís Andrade; Exmos. senhores representantes da British Legion, Amicale e Souvenir Français; Exmos. Presidentes dos Núcleos da LC, Associações de Combatentes e outras Associações presentes.

Minhas Senhoras e Meus Senhores. Caros Combatentes

O mais profundo e sentido agradecimento pela vossa presença e o vosso incondicional apoio. Hoje, para além de comemorarmos o 103.º Aniversário do Fim da Grande Guerra, continuamos a celebrar o Centenário da Fundação da Liga dos Combatentes, que aconteceu precisamente no mês de abril de 1921, data da chegada dos combatentes desconhecidos à Batalha e que após dois anos de organização, teria a sua criação na primeira Assembleia-geral, em outubro de 1923 e a sua oficialização em janeiro de 1924.

Por isso comemoramos o nosso Centenário de 2021 a 2024. Por outro lado, nesta celebração do 47.º Aniversário do Fim da Guerra do Ultramar, evocamos mais este Armistício, no corrente ano, pondo em evidência e homenageando a ação da Força Aérea nesse conflito.

Ao homenagearmos, nós combatentes das Forças Terrestres, a ação da Força Aérea na Guerra do Ultramar, pilotos, navegadores e técnicos, será justo começar por lembrar que o sonho em voar controladamente, teve expressão vitoriosa em língua portuguesa. Em 2006 o Brasil comemorou os 100 anos desse feito de Santos Dumont. O primeiro voo motorizado ocorreu por isso há precisamente 115 anos.

Em 2009, há precisamente doze anos, Portugal comemorou o Centenário da Aviação em Portugal. Na comemoração desse evento, pela aviação civil e pela Força Aérea, foi erguido neste espaço, junto a entrada deste Forte do Bom Sucesso, o Monumento Evocativo dos 100 anos da Aviação em Portugal. Tal como no conhecimento científico e exploração do Mar, Portugal esteve no domínio científico e início da exploração do Ar.

Nos 115 anos que vão do primeiro voo motorizado até aos nossos dias, o homem foi do sonho ao infinito.

O homem, com base numa tecnologia cada vez mais avançada, dominou o ar e continua a dominar o espaço. Na linha desse progresso, a Força Aérea Portuguesa, foi criada em 1952, e está a um passo de comemorar os seus setenta anos como ramo independente das Forças Armadas portuguesas. Quando começou a Guerra do Ultramar, a Força Aérea, como ramo independente das Forças Armadas, tinha nove anos de idade. As circunstâncias não permitiram que se organizasse tranquilamente para o tempo de paz.

Exigiram-lhe, pelo contrário, que de imediato se organizasse e atuasse em tempo de guerra. Nomeadamente para o indispensável apoio às Forças Terrestres: Exército e Marinha. Quer na Índia quer em África.

Entendeu por isso a Liga dos Combatentes que era oportuno, interpretando o sentimento dos combatentes dos outros ramos combatentes, prestar uma homenagem não só àqueles que, para além de, com a sua ação, protegerem populações, os apoiarem em combate ou logisticamente, os protegerem pelo fogo, os evacuarem, os alimentarem, lhes garantirem as notícias dos entes queridos, homenagear também e não esquecer, jamais, os homens da Força Aérea que caíram no cumprimento do dever e cujos nomes estão nas lápides que nos envolvem.

A Força Aérea, o Exército e a Marinha demonstraram em catorze anos de conflito, atuando quer em ações independentes no seu meio, quer em operações conjuntas e fundamentalmente nestas, que formaram um conjunto coerente, cooperante, integrado e eficaz, que conduziu as nossas Forças Armadas a poderem orgulhar-se de não terem perdido uma guerra de guerrilhas, contrariando assim a doutrina então geralmente aceite, resultante dos insucessos de outras potências confrontadas com situações semelhantes.

Homenageamos, pois, no Dia do Armistício da Grande Guerra e em que igualmente evocamos, o Armistício do Fim da Guerra do Ultramar e o Centenário da Liga dos Combatentes, os combatentes da Força Aérea, onde incluo os valorosos combatentes paraquedistas então sob seu comando, que tão condignamente se bateram na defesa dos então considerados interesses nacionais, de mão dada com o Exército e a Marinha. Realizámos assim em 7 de novembro o 2.º Concerto Solidário da Liga dos Combatentes com a participação da Banda Sinfónica da Força Aérea. Convidámos hoje para proferir uma alocução nesta cerimónia o Combatente, o piloto experimentado da FA Tenente-general Alfredo Cruz abordando o tema "A Força Aérea na Guerra do Ultramar".

Inauguraremos seguidamente, no Museu do Combatente, uma exposição de homenagem aos pilotos da FA denominada "Memórias de Combate" e faremos o lançamento do livro "Angola 92" da autoria do Coronel da FA Paulo Gonçalves, alusivo a participação da FA no processo de Paz em Angola.

Segue-se a partir das 15h00, no Museu do Combatente, uma tertúlia igualmente subordinada ao tema “Memórias de Combate” e em que participarão, abordando as suas experiências, o General Aurélio Corbal (Angola), o Tenente-general Vizela Cardoso (Moçambique), o Coronel Orlando Amaral (Guiné), o General Ferreira Pinto e o Coronel Mira Vaz (paraquedistas) e a que se seguirá o respetivo debate.

Apresentamos os nossos sinceros agradecimentos a Sua Exa. o General CEMFA pela imediata adesão a esta iniciativa da Liga dos Combatentes e o apoio concedido para que ela tivesse a projeção devida.

Como já tenho referido, reafirmo hoje, quantos combatentes de Terra, Mar e Ar, estão vivos e devem a vida a ação da FA na guerra do ultramar?

Jamais se pode falar da História da FA sem que se enalteça o período mais brilhante, como Ramo Independente das Forças Armadas portuguesas: - a sua ação na Guerra do Ultramar, antes, durante e depois dela ter terminado. A ação da Força Aérea foi um fator determinante da manutenção do moral das nossas tropas. Pelo apoio de fogo ou de evacuação nos momentos mais difíceis; na ajuda a reconhecer e conhecer melhor as zonas de operações, em reconhecimentos ou postos de comando, no transporte e apoio logístico. Enfim em operações planeadas ou inopinadas em apoio das Forças Terrestres ou ações independentes, os meios aéreos, um elemento crítico do campo de batalha, nunca deixaram de estar presentes.

De facto, da sua ação, resultou o sentimento nas Forças Terrestres de que, em situação de perigo, era garantido o apoio da Força Aérea quer fosse em ações de apoio de fogo quer de evacuação. Por isso a nossa merecida homenagem de hoje, no ano em se perfazem 60 anos do início do conflito, que exigiu catorze anos de empenhamento das Forças Armadas com eficiente e eficaz ação conjunta aeroterrestre.

Sessenta anos se perfizeram igualmente ontem, dia 10 de novembro, dia em que FA sofreu, em Angola, o maior acidente da história da Guerra do Ultramar. Faleceu aí, no Chitado, o General Silva Freire, Comandante da RMA e parte do seu estado-maior, no total de dezanove pessoas. Perdia-se o General Comandante da RMA em Campanha, o hoje comumente aceite como o responsável pela rápida recuperação do Norte de Angola.

Minhas Senhoras e Meus senhores

Permitam-me agora que igualmente assinale hoje o reconhecimento por parte do Observatório Internacional dos Direitos Humanos (OIDH) da ação da Liga dos Combatentes no âmbito da Solidariedade humana, da promoção da Paz e dos Direitos Humanos. Receberemos hoje das mãos do seu Presidente, Dr. Luís Andrade, um Diploma como Titulares do Reconhecimento como “Centro Internacional de Paz e Solidariedade Humana” e este espaço, do Forte do Bom Sucesso, como “Lugar de Paz e Promoção Histórico-Cultural”. Regozija-nos pelo facto de, vindo de observação e análise exterior, ser reconhecido o trabalho da Liga dos Combatentes no âmbito da promoção da Paz, da Solidariedade e dos Direitos Humanos.

Igualmente, inauguraremos hoje, com o apoio do Almirante CEMGFA, a beneficiação das instalações da Guarda de Honra ao Monumento aos Combatentes do Ultramar, no Museu do Combatente, e cujas condições não obedeciam as exigências das condições sanitárias, em época de pandemia. Não quero terminar sem assinalar o regozijo por podermos voltar os nossos

convívios sem os condicionamentos das situações de emergência e calamidade. Nós combatentes, auxiliados pela ciência, estamos ultrapassando a pandemia que nos fustigou e roubou familiares e amigos. A Liga dos Combatentes regozija-se de, internamente, se ter organizado e com os seus planos de contingência ter reagido, no cumprimento das recomendações sanitárias, por forma a ter tido reduzidas consequências. Uma palavra de reconhecimento merecido a dirigentes e técnicos de saúde da Liga dos Combatentes. Grave como a ameaça á saúde humana foi a agressão efetiva á saúde económico-financeira. A Liga dos Combatentes viu a sua saúde económico-financeira fortemente afetada nos anos 2020 e 2021 face a redução dramática das suas receitas próprias. Termino salientando que estamos no início do cumprimento do nosso Plano de Ação 2021-2024. Gostaria de salientar os cinco principais objetivos que nos impulsionam a continuar:

Em primeiro lugar, a celebração do Centenário da Liga dos Combatentes de 2021 a 2024. Em segundo lugar, a expectativa de ver coroada de êxito a nossa candidatura ao Programa Pares III, tendo como objetivo podermos construir uma nova residência de Apoio aos Combatentes e famílias no Entroncamento, em terreno cedido pela Camara Municipal. Em terceiro lugar, ver aprovada pelo Governo e a Assembleia da República a revisão do Estatuto do Antigo Combatente, para a qual apresentámos já as nossas propostas. Insistiremos com o novo governo e Assembleia da República.

Em quarto lugar ver reconhecido pelo Ministério das Finanças a razão da Liga dos Combatentes quanto ao Princípio da Onerosidade. Finalmente, aprofundar medidas e ações que contribuam objetivamente para o apoio aos nossos membros e para o verdadeiro objetivo a longo prazo da Liga dos Combatentes: A Garantia da sua Perenidade na defesa da História, da Paz, da Solidariedade e dos Direitos Humanos.

Minhas senhoras e meus senhores

Regoziamo-nos com a vossa presença e o vosso apoio e reafirmamos a nossa determinação em continuar a trabalhar por uma Liga dos Combatentes cada vez mais forte e cada vez mais útil ao bem-estar dos Combatentes, dos seus membros e suas famílias. Os jovens que me ouvem e aqui prestam honras militares e são a ponta do iceberg, do que são as Forças Armadas, serão, com os seus chefes, os responsáveis pela concretização deste objetivo. Confiamos na efetiva passagem do testemunho e na defesa dos nossos valores, pelo homem soldado e homem Combatente, de hoje e de amanhã. Gritamos por isso:

Liga dos Combatentes, valores permanentes!
Liga dos Combatentes em Todas as Frentes!
Viva a Liga dos Combatentes!
Viva Portugal!

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

MENSAGEM DE NATAL

20 de dezembro de 2021

TENENTE-GENERAL JOAQUIM CHITO RODRIGUES

Pelo segundo ano consecutivo o Natal aproxima-se fortemente condicionado pelas ameaçadoras condições sanitárias.

A Pandemia, não obstante o esforço científico, das entidades de saúde e de apoio à vacinação, parece querer contornar as barreiras que lhe têm sido colocadas, continuando a condicionar as nossas vidas, nomeadamente a nossa vida familiar.

Mas há qualquer coisa mais forte que a Pandemia!

A força do espírito. A força da esperança. A força da ciência. A força de acreditar que nesta luta entre a arma e a couraça haverá a vitória do Homem.

Alguns, familiares e amigos, já caíram, vitimados por essa luta desigual. Cumpre-nos recordá-los, com saudade, neste Natal de 2021.

Aos que vivos continuam na luta pela vida, dia a dia, recomenda a tradição Cristã que se façam tréguas de Paz, se reviva o Nascimento, se valorize o apoio mútuo da Família e dos Amigos e que, como é tradição, se desejem a todos Boas Festas e um Feliz Ano Novo.

Nos momentos difíceis da vida em comum, como os que nós Combatentes e famílias, ontem vivemos na guerra, ou vivemos hoje em Pandemia, importa sentirmos que temos um objetivo e que estamos bem dirigidos e comandados e que empenhamos todo o nosso saber para nós próprios comandarmos ou dirigirmos bem, quem temos sob nosso comando ou direção, sob nossa proteção, nosso apoio ou companhia, sentindo o seu reconhecimento. Só assim haverá confiança mútua. Só assim se estabelecerá um esforço comum nacional e pessoal, na luta contra a adversidade e a vitória surgirá transformando a vida, num Natal contínuo. Não é uma conclusão utópica. É um acreditar na harmonia e na Paz. Na Paz para a qual o Natal aponta. Na derrota da pobreza e da solidão. Na minimização da doença. Na vitória do diálogo sobre a ponta da espingarda!

Enfim, encontremos na Força do Natal as nossas próprias Forças, para trazer à vida a Tranquilidade e Felicidade possíveis. Continuaremos, como até aqui, a Honrar os Mortos e a Lutar pela Dignidade dos Vivos.

Bom Natal e Feliz Ano Novo.

Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general